

## 6. O curso universitário: novo desafio de Hércules

Vimos, até aqui, que muitos técnicos investigados quando jovens sonhavam com um emprego estável, numa posição qualificada, que lhes conferisse uma melhoria de vida e uma posição digna no mercado de trabalho. Certos de conquistá-la através do curso técnico no IT,<sup>87</sup> a maioria não pensava na universidade quando saiu do curso técnico. Em média, os técnicos só ingressaram na universidade depois de 6 anos de formados como técnicos (conferir Quadro 9 à página 143). Entretanto, vêm frustradas as suas expectativas, pois, após vários anos de mercado, a maioria deles ainda não alcançou a qualidade de vida almejada, ao lado de suas famílias.<sup>88</sup> Buscam, também, um lugar no mundo do trabalho em que sejam tratados com mais respeito, anseiam desenvolver-se mais: intelectual, social, política e pessoalmente, e almejam ainda um trabalho que possua significado.

A questão do significado do trabalho tem sido apontada por diversas pesquisas que identificam a exigência crescente, por parte dos indivíduos, do desejo de um significado intrínseco ao trabalho. Guy Bajoit e Abraham Franssen (1997) apontam duas dimensões do significado do trabalho: a dimensão instrumental e a dimensão expressiva. Apesar da importância básica da dimensão instrumental (ganhar a vida), a dimensão expressiva vem se mostrando cada vez mais importante, conforme atestam Bajoit e Franssen, no caso da França, e Simoni Guedes (1997) e Heloisa Martins (1997), no caso do Brasil, além da nossa própria pesquisa. A dimensão expressiva é definida por Bajoit e Franssen como “um sentimento de participar de um processo de produção global, de ser útil, de se realizar pessoalmente” e que, quando não está presente, faz com que a organização do trabalho seja “sentida como heterônoma: um organograma que lhe impõe um lugar, não percebido como profissão, ofício, mas como tarefas a realizar”. O acesso a todas essas condições, almejadas, parece escapar-lhes, e muitos técnicos vêm mover-se mais à frente a fronteira entre eles e a cidadania almeja-

---

<sup>87</sup> Com as exceções de Luiza, já na universidade, e de Isadora, que tinha em mente, desde a infância, o curso superior. Marcelo também pode ser considerado diferente dos demais quanto a suas expectativas de formação, porém, uma vez técnico, vimos que se dirigiu ao mercado, onde permaneceu como técnico por mais de 15 anos. Isadora também se dirige imediatamente à universidade depois do curso técnico.

<sup>88</sup> Conforme já explicitado, para a maioria, as expectativas de padrão de vida giram em torno de uma moradia própria, carro, escola privada para os filhos, viagem de férias e algum lazer.

da.<sup>89</sup> Ultrapassada a fronteira do curso técnico, descobrem que ainda não era esse o canal de acesso a seus projetos, pois não alcançaram a sua “bandeira verde”.<sup>90</sup> Diante dessa constatação, o único canal vislumbrado por eles, e, de resto, propagado intensamente no conjunto da sociedade, é o estudo.<sup>91</sup> Descobrem que, ou bem trabalham e estudam ou *nem* trabalham, *nem* estudam, pois, sem elevação de sua escolaridade, sua posição no mercado estará sempre mais ameaçada. Alguns buscam novos cursos técnicos, ou cursos curtos e especializados (Pneumática, Desenho Industrial, Instrumentação), com resultados também limitados na carreira profissional. Divisam, então, uma nova fronteira a transpor: a universidade. Luis Antônio Cunha também menciona esse movimento:

*o certo é que os jovens que concluíram os cursos técnicos não encontravam oportunidades de emprego compatível com sua formação, em termos de número de postos de trabalho, de remuneração e de prestígio (Cunha, 2000:146).*

O saber escolar<sup>92</sup> emerge, assim, mais uma vez, no centro de seu projeto. Os técnicos vislumbram, através dele, além da ascensão profissional e salarial, a possibilidade de construir uma nova relação consigo, com o outro e com o mundo, (Charlot, 2000) definida, em seu sistema classificatório, pelas categorias “desenvolvimento de si”, “não ficar de noite em casa, à toa”, “respeito”, “melhoria salarial”, “diploma” e conversar com gente inteligente.

*Eu continuo estudando pra quê? Porque eu tenho condições de ser engenheiro, eu tenho capacidade intelectual de aprender Matemática e ser engenheiro. Eu fico apostando muito em mim, entendeu? (...) Eu quero aprender com pessoas, mais e mais. E por acaso as pessoas que sabem mais e mais são as que lêem mais, são as pessoas que formaram melhor (Walmir).*

*A profissão de técnico, ela te dá uma boa condição de trabalho, mas ela te prendia, te limitava. Na universidade eu teria condições de me desenvolver mais, em termos de conhecimento, além dos conhecimentos técnicos. O potencial humano, o potencial da pessoa em si. (Welber).*

---

<sup>89</sup> Cidadania aqui entendida no sentido de gozo dos direitos civis, políticos e sociais.

<sup>90</sup> A “bandeira verde” é um elemento do discurso mi(s)tico do Padre Cícero, dirigido aos flagelados pelas secas do nordeste. Refere-se a uma imagem de terra prometida, “terra sem males”, situada “para além da grande fronteira”, onde finalmente seria encontrada a vida com abundância. Sugeria com essa imagem a necessidade de os cristãos “caminharem” em busca de tal lugar.

<sup>91</sup> Apenas dois (José Paulo e Walmir) buscaram alternativa diversa, de trabalho por conta própria. Ambos trabalham hoje como assalariados.

<sup>92</sup> Estou utilizando aqui o conceito de saber escolar, tal como em Charlot, referido aos saberes organizados nas disciplinas escolares e que é significado pelos alunos a partir do conjunto das relações sociais e experiências de vida em que estão e estiveram inseridos (Charlot, 1996, 2000, 2001).

*É como eu disse: desde os 15 anos que eu trabalho e estudo à noite e já estou acostumado. Chegar em casa e não ter o que fazer, você não está progredindo, que as coisas não param, tá tudo crescendo aí (Robson).*

Tanto Walmir quanto Welber parecem colocar-se de forma diferente com relação ao tempo, não sentindo que têm tempo “sobrando”, “à toa, assistindo televisão à noite”. Walmir quer fazer outras coisas além do estudo com o tempo livre: tocar violão, conversar com gente inteligente, conhecer a riqueza da cultura brasileira, porque “a vida é uma só”. Mas, depois de vários anos de trancamento, retornou ao curso superior. Ele afirma que retornou “por necessidade” e não porque gosta. Talvez pela impossibilidade de recusar a oferta da empresa multinacional de telecomunicações onde trabalha, que implantou um programa de “bolsas” de 50% para funcionários cursando a universidade. Talvez pela pressão social da família ou da namorada. Certamente pela esperança de um dia conseguir um emprego que tenha “sentido”. Apesar de hoje preferir a área de Humanas, ou então de Meio Ambiente, não se vê em idade de deixar tudo e “começar do zero”, “perdendo” os conhecimentos e experiências já acumulados.

*Eu gosto de saber de um monte de coisa. Saber bem. Aí você precisa de estudar. É complicado. Se eu tivesse que começar de novo talvez eu não faria Engenharia. Faria História ou Geografia, ciências do ambiente, qualquer coisa nessa área. Faço o que eu faço mas faria outras coisas.*

A decisão pelo curso superior não é fácil para quem trabalha o dia todo nas condições descritas no capítulo anterior, e que deverá, além de dispor de metade ou mais do salário para arcar com as despesas do curso, assistir a aulas até tarde da noite, voltar para casa, organizar suas coisas e, só então descansar, para, no dia seguinte, recomeçar a estafante rotina de trabalhador-estudante, que não é interrompida nem mesmo aos domingos, único horário para estudo e realização de trabalhos.

*Sempre teve um motivo para eu não fazer, porque quando eu quero fazer eu faço. Só que você tem que poder. Então, questão da escola eu deixei um pouco a parte, para não ficar frustrado. Isso eu sempre quis: já tá formado, mas eu não pude. E não pude mesmo. Quer dizer, nessas idas e vindas da Católica, nesses dez anos... Depois de dez anos é que eu estou no 3º período. Eu tenho o maior orgulho porque eu consegui voltar, entendeu? Depois de dez anos efetivamente eu fiz só um ano e meio, eu sou foda mesmo. Então, agora tá legal e eu tô feliz porque eu consegui voltar depois de um tempão em que passava pela cabeça e não tinha jeito. Eu ficava puto, mas também não tinha jeito (Walmir).*

Dentre os 20 entrevistados, nada menos que 16 cursaram ou estão cursando sua formação superior. Os 4 que não prosseguiram estão nas seguintes situações quanto à universidade: Edgard está aposentado e, aos cinquenta anos, não pensa em fazer o curso superior; Antenor está estabilizado como empresário e satisfaz suas necessidades de conhecimento com cursos pontuais e mais direcionados ao seu negócio; Robson prestou o vestibular para Pedagogia no final de 2002, e Leopoldo continua decidido a enfrentar o vestibular da universidade federal para Matemática assim que seu salário for suficiente para arcar com as despesas de transporte e material para o curso.

Dentre os que cursaram ou estão cursando o superior, apenas Luiza, João Paulo, Marcelo, Isadora e Olacir o fizeram ou fazem em escolas públicas (menos de 1/3 do total): os 3 primeiros no IT e os dois últimos na universidade federal. Ingressar numa instituição pública é um desafio gigantesco para esses técnicos pelos motivos já conhecidos de todos: a competitividade dos vestibulares e a limitada oferta de cursos noturnos. Vários dos que se encaminharam para escolas superiores privadas tentaram, antes, algum vestibular da universidade federal. Não sendo aprovados, nunca mais tentaram novamente. Parece que eles fazem uma tentativa meio “absurda” (mas fazem!), comprovam sua impossibilidade e “caem na real”. Se a universidade não faz parte do cotidiano dos grupos pelos quais a maioria dos investigados circula, muito menos a distante e quase mítica “Federal”, espaço histórico do “herdeiro” (Bourdieu, 1969; Portes, 1999).

Luiza trabalha seis horas por dia e tem tempo para assistir as aulas na parte da manhã. Começou o curso numa universidade privada e transferiu-se para o IT em função das mensalidades. João Paulo ingressou num curso superior curto do IT cerca de dez anos depois de concluído o técnico. O escolhido foi um curso do tipo tecnológico: curto, rápido, perto de casa e gratuito, em área próxima à dele, porém sem aplicação no trabalho atual, onde ele é relativamente estável e espera aposentar-se. Marcelo fez o mesmo curso curto no IT, também depois de mais de dez anos de formado como técnico; o curso tem total aplicação em seu trabalho na indústria automobilística. Isadora, depois de ter cursado cinco períodos de Engenharia Mecânica, frequenta hoje o curso de Psicologia da universidade federal e nunca trabalhou.

Olacir, ansioso por evadir do ambiente de pressão dominante na indústria (“os donos querem números”, “cronograma pra cumprir”, “pressão grande”), além

de procurar melhorar o salário para poder casar-se (mesmo não tendo ainda uma namorada) teve que escolher, no catálogo a universidade federal, dentre um de seus cursos noturnos, algum com o qual tivesse alguma afinidade. Optou por Biologia porque nem é curso na área de Humanas, de que ele não gosta, nem possui muita matemática, de que ele estava cansado, depois da maratona de cálculos no IT. Seu irmão mais novo irá submeter-se ao próximo vestibular e também optou por Biologia, segundo a mãe “para aproveitar os livros que já tem em casa”. Os motivos para escolher um ou outro curso são ligados, portanto, à opção por uma área (ou rejeição por outras), aliada à necessidade de conciliar estudo e trabalho, o que está condicionado aos horários em que são ofertados os cursos. Robson procurava há algum tempo alternativas de seguir os estudos em nível superior à noite e não encontrava caminhos, dados os cursos que são ofertados nas universidades públicas. Ele reflete sobre a situação:

*Você acha que o cara que estuda à noite está cansado? Está cansado, sim, muito esgotado, sim. Mas durante o dia ele está na empresa trabalhando, ele está aprendendo, também, a pôr muita coisa na prática. Então esse cara que tá lá, esse técnico que está lá, deveria ter a oportunidade de se formar engenheiro no curso noturno. E você acha que não vai dar resultado? O cara tá cansado, gente, mas pelo amor de Deus, esse cara sobrevive, é um lutador! Ele passou por tudo aí, conseguiu se formar, tá lá até hoje! Você acha que se der um curso de Engenharia pra ele, ele não vai dar conta? Põe lá, vamos ver! Aposto que ele agarra com unhas e dentes e vai surpreender muita gente! (Robson).*

A quase impossibilidade de conciliar trabalho e estudo nas universidades públicas são outro indicador, para eles, de que esse espaço não lhes é destinado e não os reconhece como dignos de si. Também não têm acesso a informações sobre programas universitários que talvez lhes possibilitasse sobreviver em outro tipo de atividade que não os empregos como técnicos na indústria, como as diversas bolsas ofertadas pela universidade federal (como as bolsas de trabalho e de alimentação). Dentre os que estudaram ou estudam em escolas privadas, há um consenso: o desespero para pagar as mensalidades. Há inúmeras situações de trancamentos, atrasos e inadimplência, dívidas com empréstimos, redução de disciplinas, total falta de dinheiro para quaisquer gastos além do estritamente essencial para a sobrevivência e o pagamento do curso superior.

*Porque não adianta nada eu estar lá pensando em Cálculo porque eu deixo de fazer a matéria Cálculo para fazer o calculo das mensalidades, aí não vai resolver eu estar lá. Então eu falei assim: é melhor eu parar, porque eu já fico pensando: -*

*Nossa a mensalidade está atrasada, a mensalidade está atrasada. Eu tenho que dar um jeito, eu tenho que dar um jeito. Mas, vai indo, não tem como (Fernando).*

*Aí fiquei desempregado. Ai eu fui fazendo menos matéria até que um dia eu falei: ‘ - Eu vou parar com isso, porque não dá’. Você tá num curso complicado, como Engenharia e todo mês chega o boleto e você não pode pagar? É, às vezes eu lamento estar nessa fase da vida que eu tô e não estar formado. A turma que entrou comigo formou em 97 e eu tô no terceiro período ainda, em 2001 (Walmir).*

Além dos gastos com a faculdade, os técnicos que cursam ou cursaram escolas privadas enfrentaram outro desafio colossal: trabalhar o dia todo em empresas com alto grau de exigência em termos de produtividade, em tarefas desgastantes, física ou mentalmente, e, ao final dessa jornada, enfrentar o trânsito, mais 4 horas de aulas, novamente o trânsito para casa, organizar suas coisas para o dia seguinte e, só então, descansar. Essa rotina ainda impõe a eles a perda dos tempos de lazer e convivência social, pois todo o tempo livre passa a ser ocupado pelos estudos, assim mesmo sempre em atraso, gerando grande tensão. Problemas diversos ficam pendentes: bancários, médicos, familiares. Os depoimentos são dramáticos a esse respeito e dão conta de uma situação permanente de estafa física, de demanda desesperada por horas de sono, de dificuldades na convivência com a família, durante anos a fio.

*Esse curso é pesadíssimo. A hora que eu vou estudar é a hora que você não agüenta mais, mas é só nesse horário... Então a gente aprende, mas aprenderia muito mais se não tivesse isso, mas não tem jeito, na hora que você tá mais arrebitado é que você vai encarar. A gente não pisca na aula, que se você piscar, tá ferrado. Vai dormir em sala pra você ver! É igual filme de suspense: é altamente perigoso! (Walmir).*

*Mas é como você sabe, meu tempo é o mínimo... de 7 às 5 trabalhando, de 7 às 11 horas da noite na X. [universidade]. Saio daqui do serviço, chego em casa às 5:40, tomo um banho, janto, 6:20 eu tô indo pra X. [universidade]. Chego às 7, estudo. Geralmente eu durmo de meia-noite e meia às cinco e meia. Sábado geralmente eu estudo... quando eu não tô estudando geralmente eu faço algum serviço aqui na empresa... E domingo é os Cálculo II da vida, é trabalho pra fazer... (Fernando, casado, 2 filhos).*

Dessa situação decorre ainda a falta de tempo para vivenciar a vida universitária: atividades acadêmicas extra-classe (pesquisas, estágios, iniciação científica, pesquisas complementares na biblioteca), atividades culturais e esportivas e a correspondente socialização no mundo universitário.

*E aqui tem essa universidade de coisas mesmo, entendeu? Você tem atividades que extrapolam os cursos, você tem eventos, você tem... atividade de música que eu sempre gostei e aí você tinha contato com pessoas de outras turmas, aquela goza-*

*ção: ‘ - Ah, seu curso que é difícil? Então tá: eu vou te passar uma expressão matemática pra você desenvolver. Aquela sacanagem.’ Mas durou pouco, porque eu fiquei pouco tempo na primeira vez. Mas eu acho muito rico esse ambiente. Pena que falta tempo ainda pra gente **tentar penetrar nessas coisas**. Mas esse meio me agrada, entendeu? O curso tinha que ter dedicação exclusiva, é isso, tinha que ter. Eu quero ainda no próximo semestre me entrosar mais, falar mais com os meus colegas, colocar minhas opiniões. Isso é um monstro de escola que eu ainda não tive condição de aproveitar tudo o que eu tenho. Tudo o que se tem aqui (Walmir).*

Nem todos chegam a expressar esse sentimento de perda, talvez nem mesmo se apercebam disso, absorvidos totalmente pela tarefa de conseguir aprovação em todas as disciplinas, evitando seu pagamento em dobro e o adiamento da formatura. Mas essa tarefa nem sempre é bem-sucedida, o que acarreta sentimentos de frustração depois de todo um semestre de esforço sobre-humano. É o que aconteceu no segundo semestre de 2002 com Fernando, na disciplina Cálculo III, um dos terrores do curso de Engenharia. E ele ainda precisa elaborar isso de forma a não deixar-se afetar, pois é preciso prosseguir.

Ingressando na universidade, Roberto teve fantasias acerca das possíveis dificuldades de integração com os colegas e professores, imaginados como possivelmente esnobes, o que denota o distanciamento entre a universidade e seu mundo cultural. Essa impressão se dissipou nas primeiras semanas de aula, quando ele se deparou com inúmeros técnicos nas turmas (de Matemática), muitos deles provenientes do IT — dado também mencionado por vários outros técnicos. Mesmo assim, após um ano de curso, suas relações com os colegas são limitadas — em parte por falta de tempo para acompanhar a turma em atividades sociais extra-classe, em parte por suas dificuldades pessoais e culturas de socialização. Ele classifica os colegas como uma maioria composta por técnicos que levam o curso a sério e “as meninhas de dezesseis anos, professoras” que só querem progressão na carreira e conversam o tempo todo, “trocando datas de aniversários”, prejudicando as aulas. Ele identifica, ainda em sua turma, “um metaleiro, um filósofo, alguns “gandaieiros”, uma adventista que não assiste aula sábado e um cara ligado em telecomunicações e teleprocessamento”, de quem ele se aproximou.

A presença de técnicos nas turmas noturnas da maior universidade privada do estado, freqüentada pela maioria de nossos entrevistados, é um dado que merece destaque. Como são cursos pagos, exigem que os alunos possuam uma renda não muito baixa para arcar com as despesas aí envolvidas, e que, como vimos, vão além das já elevadas mensalidades. Quem possui essa renda hoje no mercado, sem

ter ainda completado o curso superior? Os trabalhadores qualificados de nível médio, certamente. Os cursos técnicos são, de fato, o lugar onde se constroem as condições para o acesso dos jovens de camadas populares ao curso superior. Nos alunos de hoje dos cursos técnicos estão provavelmente os futuros alunos das universidades privadas e, mais do que isso, nos alunos do IT parecem estar grande parte dos futuros alunos da maior universidade privada do estado, como relatou Walmir sobre uma enquete informal feita por um de seus professores. Ao perguntar as escolas de origem dos alunos do primeiro período do curso de Engenharia dessa universidade, constatou-se que a maioria deles era proveniente do IT. Mesmo assim, alguns técnicos não constroem relações com esses colegas, sentindo-se incapazes de uma maior aproximação. Em 8 anos de escola fundamental e mais 3 de ensino médio, vários deles não conseguiram desenvolver habilidades básicas de socialização, e, pior, ressentem-se disso.

Mesmo ingressando em cursos e turmas cuja composição social é relativamente próxima à sua, pelo menos metade dos entrevistados não constituiu relações com os colegas da universidade, até porque, enfrentando todas as dificuldades mencionadas,<sup>93</sup> muitos deixam de ser “alunos regulares” e passam a cursar disciplinas um tanto aleatoriamente, afastando-se do fluxo regular das turmas, que favoreceria a socialização. Essa saída do fluxo regular também implica em dificuldades com conteúdos, com pré-requisitos que foram estudados há mais tempo e esquecidos. Segundo Walmir, isso implicou num afastamento deliberado dos colegas, pois se sentia “atrasado” e, com isso, inferiorizado. Ele só pretendia se aproximar dos colegas quando estivesse mais seguro com os conteúdos, a relação com o saber, como bem indica Charlot, articulando-se à relação com os outros. Já Fernando, no mesmo curso da mesma universidade, porém em outras turmas, destaca a diferença de postura entre aqueles “que ralam” e aqueles “que o pai paga as despesas”:

*Pra mim então ficar lá mais ou menos ou passar colando, não, num tem esse negócio comigo. Eu acho o seguinte: eu tenho que tá lá e fazer bem. Agora que eu tô pegando a base, se eu for mais ou menos, quando eu tiver no final eu não consigo passar nem no Provão. Então é uma coisa assim que a pessoa tem que ter essa consciência. E lá dentro é poucas as pessoas que têm essa consciência. Só se for a*

---

<sup>93</sup> Outra dessas dificuldades, ainda não mencionada, são os turnos de trabalho e as viagens a serviço, que muitas vezes obrigam o técnico a trancar a matrícula. Nos casos de Walmir e de Marcelo, eles chegaram a abandonar o curso. Marcelo nunca retornou, fazendo anos mais tarde outro vestibular.

*pessoa que tira o dinheiro do bolso pra pagar. Porque se for o pai que paga, o cara tem uma noção totalmente diferente. Tem que fazer um trabalho, o cara: ‘ - Ah, deixa eu colocar meu nome aí?’ Acha que tá enganando a mim? Não, tá enganando a ele. Amanhã, esse profissional, o que que ele vai ser? Aquele trabalho que ele deixou de fazer não poderia ser um ponto a mais pro currículo dele?(Fernando).*

Colegas de Roberto que ingressaram na universidade antes dele contavam-lhe sobre os colegas “ricos”, ressaltando como eles são descomprometidos, bagueiros e irresponsáveis, além de usarem drogas sistematicamente. A imagem que ele tinha da universidade, através desses relatos, era de um espaço onde impera o descontrole, em função da presença dos alunos “filhinhos de papai” com sua irresponsabilidade. No curso de Biologia da universidade federal, Olacir sente-se inferiorizado, segundo ele, não em função das atitudes dos colegas, mas de uma postura pessoal sua.

*Na faculdade também a gente vê isso, porque na faculdade tem muita gente de... que é rico, né, então a gente percebe como que eles conversam, o jeito que se relacionam, não é nem as mesmas brincadeiras, o jeito que eles falam, os lugares que eles falam que foram no final de semana, não é os mesmos que a gente está acostumado a ouvir de gente de periferia. Então a gente identifica, mesmo. O... vamos dizer assim... o estilo de se vestir deles é outro também. O meu pensamento é que, às vezes, é até preconceito da minha parte, porque muitas das pessoas que a gente acha que é assim, como já aconteceu, é possível estar relacionando com essa pessoa. E a gente percebe que não é nada disso, não existe isso na verdade, parece que é uma coisa que caiu na cabeça da gente, sei lá, preconceito, mesmo, é uma barreira que a gente coloca na frente dessas pessoas... (Olacir).*

Olacir só descobre que tem um preconceito contra si mesmo em relação a outros grupos socialmente mais valorizados “por acidente”. Uma situação inesperada o coloca em diálogo com uma colega de outra origem social que, também por acaso, não manifesta um preconceito em relação a ele. Olacir nunca tinha tido a oportunidade de refletir sobre essa questão, mesmo tendo completado os 11 anos de educação básica (ensino fundamental e médio) com seu objetivo central de preparação para a cidadania. Fica clara, na experiência universitária desses técnicos, uma diferenciação entre pertencimentos sociais marcada pela origem de classe e pelos diversos sinais de pertencimento a um ou outro segmento social: linguagem, vestimenta, o tipo de relação com o saber, hábitos de lazer, espaços da cidade que são freqüentados, dentre outros.

Diferentes desses, tanto Hugo quanto Welber relatam ter constituído um grupo na mesma universidade, com o qual encontravam-se periodicamente e que perdura ainda hoje, ainda que de maneira esporádica, através de churrascos ou en-

contros por ocasião de aniversários ou casamentos. Já Daniel, oriundo de camadas médias, tem nos colegas dessa universidade seu principal grupo de referência: ingressou no curso de Engenharia Elétrica logo depois de formado no IT e é aluno de fluxo regular. Junto com os colegas da universidade, sai para barzinhos e boates nos finais de semana. Uma vez mais, as características pessoais parecem destacar-se, favorecendo ou não determinados processos de identificação.

Outra questão destacada pelos técnicos é *a relação com os professores na universidade*. Roberto surpreendeu-se positivamente no primeiro período de Matemática, uma vez que os professores se apresentaram mais próximos do que o esperado: “nenhum com cara de chefe, de terno e gravata e virando de costas pros alunos”, conforme ele esperava de professores universitários. Ele arrisca uma possível explicação pelo fato de que estuda num campus situado numa cidade da região metropolitana, mais operária e, talvez por isso, os professores tenham outra postura. Mais uma vez o recorte de classe aparece como fator percebido como determinante de suas experiências.

Em geral, parece predominar o volume e o rigor de exercícios e provas, tradição das áreas de Exatas e Biológicas cursadas pelos entrevistados. Renato decepcionou-se com o excesso de listas de exercícios que se transformaram na única metodologia do curso de Matemática. Os professores, segundo ele, estão sempre correndo, além do que as salas são superlotadas, não permitindo uma relação entre professor e alunos. As aulas são predominantemente centradas na exposição pelo professor, seguidas de inúmeros exercícios. Apenas Marcelo, que fez um curso de tecnólogo de qualidade, empolgou-se ao falar do mesmo, enfatizando sua total aplicabilidade na empresa automobilística onde trabalha. Por outro lado, parece haver uma certa identificação dos técnicos com uma determinada forma de relação com o saber. Olacir, ao avaliar seu curso de Biologia, aponta para critérios definidores de sua preferência por algumas disciplinas. Ele opõe disciplinas de caráter “político, econômico, social”, “não tão científico assim”, “muito complexas”, em que é preciso trabalhar com “um monte de fatores”, como aquelas ligadas ao campo da ecologia às disciplinas que ele considera mais “científicas” como genética e imunologia, onde se destacam “resultados”, “experimentos”, “laboratório, coisa fechadinha, fica lá trabalhando o tempo todo dentro do laboratório”, “mais objetivo”, prazos para apresentar resultados”

*Então às vezes falta conhecimento da minha parte para estar acompanhando assim mais é... mais facilmente a matéria, disciplina nessa área de ecologia. Então eu tento ao máximo não fazer matrícula em matérias de ecologia. Algumas eu fui obrigado a fazer né, (risos). (...) Já no laboratório de genética e imunologia na X. (Universidade), tem máquinas para tudo quanto é lado, a gente trabalha com máquina: coloca a solução, ela tem um receptáculo já, num prato lá, o computador imprime lá e você tem o resultado de tudo. Então, assim, a movimentação que tem é a mesma movimentação que a gente tem na indústria, talvez eu me interessei mais por causa disso. não sei, e ecologia é diferente, ecologia é diferente, você tem que ir para o campo, tem que avaliar, aspectos... até clima, relevo, aspectos geológicos... como é que é as pessoas que estão ali perto daquele lugar que você está avaliando, um monte de coisa... como que o governo pode estar atuando, ou tem feito ou deixado de fazer alguma coisa. Então é uma coisa muito abrangente para mim, muito grande assim, eu não consegui ter interesse. (Olacir)*

Ainda que se considere de maneira não hierarquizante as preferências pessoais por umas ou outras áreas de conhecimento e tipos de atividades cotidianas, destaca-se nesse depoimento, de um biólogo formado por uma das mais conceituadas instituições de ensino superior do país o tipo de definição do que seja “científico” e ainda a capacidade de lidar com realidades complexas. Tomando todo o cuidado para não curvar erroneamente a vara para o lado oposto ao assumido por Olacir e ainda tendo em conta que sua cultura de origem e seu campo de possibilidades interferem fortemente em sua visão de mundo, mesmo assim as posições aqui expressas por Olacir são boas para pensar o tipo de relação com o saber que está sendo construído em nossas renomadas instituições de formação técnica e científica. Lembremos ainda que Olacir, já há um ano encontra-se habilitado a lecionar e que, são essas representações que deverão orientá-lo nessa prática até que alguma experiência as transforme.

Uma outra observação curiosa nos permite concluir que o fato de fazer um curso técnico interfere de maneira significativa nas relações de técnicos originários dos setores médios com a universidade e com a sociedade, diferenciando-os dos universitários também oriundos dos setores médios, porém não-técnicos. Marcelo, como sabemos, por ser técnico, conseguiu bons empregos e salários que acabaram estimulando o adiamento de seu ingresso na universidade. Quando o faz, ele já construiu significados bastante diferenciados do típico estudante universitário, após mais de 10 anos de mercado, tendo ainda constituído família e algum patrimônio. Até mesmo Isadora, que ingressa na universidade logo após o curso técnico, na faixa etária “regular”, afirma ter uma postura diferenciada de seus colegas de universidade. Ela afirma ter uma relação com o saber bastante diferente

dos colegas pelo fato de ter estudado no IT. Além disso, ela possui um círculo de amizades construído no IT que traz para seu universo cultural um conjunto de experiências, vividas pelos seus colegas do IT, que as compartilham com Isadora, que é raramente acessado por jovens de classe média, e que, certamente influenciam sua visão de mundo.

Luiza, aluna de Engenharia, destaca, em sua experiência no curso superior, a qualidade das relações entre os professores e os alunos. Ela distingue com profunda ênfase os professores que são “amigos dos alunos” daqueles que só “reprovam, reprovam, reprovam”. Os alunos que trabalham, como ela, se sentem sistematicamente perseguidos. Os professores investigam quem trabalha, pergunta por que algum aluno está tão bem vestido na escola e afirmam ser impossível estudar Engenharia e trabalhar fora, avisando que esses alunos certamente serão reprovados. O clima, segundo ela, é de uma total decomposição das relações entre professores e alunos. Segundo Luiza, os alunos se sentem desamparados, pois questões “políticas” impedem que os órgãos colegiados da faculdade tomem alguma atitude diante de colegas professores. Nos últimos períodos do curso, se um professor procura estabelecer um contato mais próximo com os alunos, eles rejeitam, pois construíram uma relação de desconfiança com os professores:

*Por que um professor desse vai interessar na sua vida particular? Pra te meter ferro depois, que é a experiência: que ele vai te criticar (Luiza).*

É esse tipo de experiência vivida pelo aluno trabalhador no curso universitário. Desafio de Hércules. Além disso, há problemas também em relação ao enfoque curricular e à formação dos professores:

*Você só tem pego professores doutorados que nunca foram para uma empresa. Os estágios sempre foram bolsas científicas, monitorias... O que ele vai falar de empresa pra você? Uma meia dúzia lá, que aí começa aquela grande rivalidade, o cara põe o teu curso todo teórico, chega lá no finalzinho do curso, tem uns lá te exigindo a prática, o chão de fábrica...*

Diante de todas essas circunstâncias, acaba destacando-se, de fato, o caráter certificador do curso superior, conferindo-lhes a titulação necessária para pleitear, no mundo do trabalho, postos melhor posicionados e remunerados. Outras possibilidades, teoricamente propiciadas pela formação superior, ficam secundarizadas ou inexistem. Mas que não se despreze esse caráter certificador do curso universitário! Na relação com Roberto, tive uma oportunidade interessante de acompanhá-lo desde um momento em que ele havia suspenso as tentativas de fazer o vesti-

bular, passando pela retomada de tal projeto e por sua aprovação no vestibular para o curso de Matemática. Já a partir dos primeiros dias de aula, Roberto afirmava, em relação ao seu emprego:

*Já mudei, eu já mudei totalmente. Agora a coisa é outra, mudou completamente. Eu não vou aceitar mais certas coisas, não posso concordar, porque minha situação agora é outra! (Roberto).*

O fato de ingressar na universidade parece operar uma transformação na sua auto-imagem. Através de representações que vieram sendo construídas ao longo de toda a sua vida, a mudança de postura, entretanto, parece ser um tanto “automática”. Roberto não se vê mais como trabalhador, mas sim como universitário que trabalha. E essa mudança de auto-imagem repercute em sua postura diante da empresa que passa da simples submissão a uma postura de exigência de reconhecimento como interlocutor qualificado: estudante universitário. Este conjunto de relatos guarda semelhanças e especificidades em relação a outras pesquisas sobre inserção de sujeitos de origem popular na universidade. A questão da distinção (Bourdieu) dos alunos originários de camadas médias frente aos colegas de camadas populares é sentida especialmente por aqueles que ingressaram na universidade federal, porém atenuada pelo fato de terem estudado à noite, onde o perfil do aluno é mais próximo do seu. A defasagem de capital cultural sentida pelos jovens trabalhadores estudantes de Engenharia entrevistados por Simoni Guedes assemelha-se muito com as representações de Olacir acerca de suas experiências junto aos colegas na universidade. Porém, não se verifica o mesmo tipo de percepção entre os técnicos que estudaram à noite em universidades privadas e que encontraram nas salas de aula colegas com perfil social próximo ao seu.

Écio Portes (1999) investigou universitários de camadas populares estudando na Universidade Federal de Minas Gerais e encontrou o que ele denominou de “trajetórias universitárias solitárias”, muito parecidos com o que alguns dos técnicos por nós investigados vivenciam: dificuldades de sociabilidade, limitações de tempo para investir nas experiências universitárias, professores e burocracia acadêmica considerados incompreensíveis. Entretanto, os ex-alunos do IT parecem diferenciar-se dos universitários estudados por Portes no que se refere à sua relação com o conhecimento. Portes encontrou, entre seus entrevistados, maiores dificuldades com o desempenho acadêmico (“às vezes adoecedoras”) do que pude constatar entre os técnicos, ainda que esses as enfrentem. Parece que os ex-alunos

do IT possuem um *habitus* ascético já instalado que permite que eles submetam-se a jornadas prolongadas de trabalho e estudo, que abram mão dos tempos livres a fim de estudar, com sacrifício, mas com maior disposição. Os técnicos também parecem estar mais habituados a relações menos pessoais e mais pautadas em critérios acadêmicos com os professores, suportando melhor as situações encontradas na universidade.

Segundo Portes, os universitários por ele investigados passam a ressignificar seu lugar na sala de aula e na universidade quando conquistam respeito pela competência, mas isso é uma conquista que se constrói ao longo do curso, depois de terem tentado outras alternativas sem sucesso. Os técnicos oriundos do IT parecem já chegar na universidade sabendo que sua única chance de inclusão é através da competência acadêmica, como vimos nos seus depoimentos. Entretanto, há que nos questionarmos sobre tudo isso. Estar habituado a um tal padrão de relações sociais no contexto de uma instituição educativa será, de fato, um aspecto formador do sujeito? Ou significará tal “habilidade” um mero conformismo às regras antidemocráticas e excludentes em vigor nas universidades, tradicionalmente constituídas como espaços elitizados e elitizantes?

Por outro lado, parece-me que os técnicos, de maneira diversa que os entrevistados por Portes, não se referenciam tanto nas práticas e representações dos “herdeiros”: em parte, por não terem muito acesso a eles nas escolas e turnos em que estudam, mas em parte, também, por já terem construído, desde o mundo do trabalho, uma representação a seu respeito que parece destituí-los de legitimidade como parâmetros humanos. Como criticam a postura dos engenheiros oriundos de camadas médias no trabalho, vistos como pouco solidários e humanos, parecem transferir essas representações para os colegas da universidade. Sua visão a respeito deles é marcada tanto pela irresponsabilidade e descompromisso que percebem nos colegas sustentados pelos pais, quanto pela admiração de seu capital cultural. O primeiro enfoque relativiza, portanto, o segundo, que parece predominar nas representações dos universitários de origem popular investigados por Portes.

Mas o caráter “solitário” das trajetórias universitárias merece consideração. Ao mesmo tempo em que boa parte dos técnicos não se entrosa com os colegas na universidade, eles vivenciam um maior afastamento dos colegas de bairro. Vários mencionam esse distanciamento e, sem dúvida, o impacto sobre suas identidades, (tanto em sua auto-imagem, quanto em sua imagem social) operado pelo ingresso

na universidade, contribui fortemente para isso. Esse momento parece configurar-se então como a fase em que se constitui de forma mais clara o processo de sua transformação de alguns deles no que Terrail (1990) chama de “trânsfugas”, que já vinha ocorrendo desde a infância e que foi aprofundado no período como alunos do IT com a peculiar relação que foram construindo com a escola e os estudos, que os afastava — ou justificava seu afastamento — das atividades cotidianas dos colegas da vizinhança. Entretanto, os técnicos por nós investigados guardam uma particularidade em relação às situações descritas pela literatura mencionada, uma vez que as famílias permanecem como fortes referências de vida. Durante o curso superior, eles continuam residindo com a família. Mesmo tendo alcançado salários razoáveis, não partem para moradias fora do grupo familiar. Só deixam a casa dos pais ao se casarem — o que vários fizeram *durante* o curso superior, esquivando-se de um possível gozo da vida de solteiro e da liberdade individual que ela lhes permitiria.

Constatamos então, uma vez mais, a identificação desses sujeitos com seus grupos familiares de origem, ainda que, ao mesmo tempo, vários tenham se afastado da vizinhança e dos colegas de escola primária e técnica. A família com seu universo simbólico permanece como a principal referência enquanto espaço de socialização e *locus* orientador de valores e condutas. A escola superior, ocupando quase que integralmente o tempo “livre” desses sujeitos, não parece se constituir como referência cultural capaz de destituir a família de seu lugar central em nenhum desses âmbitos. Entretanto, é indiscutível o papel ocupado pelos estudos (agora a nível superior) na constituição da auto-imagem desses sujeitos. “Vencer” a universidade, com todas as suas hostilidades, é reafirmar sua capacidade de, através do esforço honesto, superar desafios. Mais uma vez, estudar, estudar, estudar arduamente! E, mesmo com tanto investimento pessoal nos estudos, parece que também a universidade não possibilitou, para grande parte deles, a construção de maiores significados para o saber, além da certificação.